

MEMORIAL DO CANDIDATO

GILBERTO CARDOSO ALVES VELHO

1992

MEMORIAL PARA O CONCURSO DE PROFESSOR TITULAR DE
ANTROPOLOGIA SOCIAL
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA DO MUSEU NACIONAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Apresentado pelo candidato

GILBERTO CARDOSO ALVES VELHO

Nascido no Rio de Janeiro, a 15 de maio de 1945, filho de Octávio Alves
Velho e Dulce Cardoso Alves Velho

SUMÁRIO

1- Formação e Títulos Acadêmicos	4
1.1 Antecedentes	4
1.2 Graduação	5
1.3 Pós-Graduação	6
2- Realizações profissionais	9
2.1 Áreas de Pesquisa Científica, Produção Intelectual e Publicações	9
2.2 Atividades Docentes	15
2.2.1 Cursos de Graduação	15
2.2.2 Pós-Graduação	16
2.2.3 Congresso, Conferências, palestras e Seminários	17
2.2.4 Formação, Orientação de Alunos e Pesquisadores	17
3- Atividades Complementares – Cargos Acadêmicos, Administrativos, Política Científica e Cultural	19

1- FORMAÇÃO E TÍTULOS ACADÊMICOS

1.1 Antecedentes

Foram essenciais na minha formação, desde cedo, o apoio e o ambiente intelectual familiares. A existência de uma boa biblioteca e o estímulo constante foram fundamentais para toda a minha carreira. Depois de concluir o então curso primário, ingressei no Colégio de Aplicação da antiga Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (hoje CAP da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro).

O curso secundário foi extremamente importante, graças a excelente qualidade do ensino então ministrado naquele colégio-modelo. Fui particularmente estimulado pelos professores de História e Geografia, entre os quais destaco: Lidynéa Gassman, Hugo Weiss, Mauricio Silva Santos, Clovis Dottori e José Luiz Werneck da Silva. Alguns destes voltei a encontrar na Universidade em outros momentos de minha vida profissional.

Assim a minha formação inicial em Ciências Humanas é produto do ambiente familiar e de um excepcional curso secundário. Não posso deixar de registrar que o curso de Estudos Sociais que fiz no clássico do Colégio de Aplicação, com os professores Werneck e Silva Santos foi de nível comparável aos melhores que fiz na faculdade.

Nesse período do curso clássico, participei de diversos grupos de estudo, onde através de meu irmão Otávio Guilherme, tive contato com alunos e professores da escola de Sociologia e Política da PUC do Rio de Janeiro, na época, provavelmente um dos melhores cursos da área no Brasil. Frequentei também o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), até seu fechamento. Entre os professores que conheci vale registrar os nomes de Nelson Werneck Sodré, José Guilherme Merquior e Álvaro Vieira Pinto. Durante cerca de dois anos ali assisti a cursos e conferências. Na época os meus principais interesses intelectuais eram

História e Sociologia da Arte que se constituíram no ponto de partida para minha futura profissionalização em Ciências Sociais.

1.2 Curso de Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia/Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, 1965 a 1968.

Entrei na faculdade num período tumultuado depois do afastamento de vários professores e do fechamento do Diretório Acadêmico, após o Golpe de 1964. Em 1968, quando estava no último ano, outros docentes foram cassados por ocasião do Ato Institucional no 5. Portanto, foi uma época agitada, tensa mas, também, de grande atividade política e intelectual. Entre os professores que marcaram positivamente a minha passagem, cito: Stella Maria Faria de Amorim, Rosélia Perissé, Moema Toscano, Francisco Falcón, Manuel Maurício de Albuquerque e, mais uma vez, José Luiz Werneck da Silva. Quero valorizar especialmente dois professores. Evaristo de Moraes Filho foi professor de Sociologia de minha turma num momento particularmente difícil de nossa vida universitária. Sua erudição, competência e entusiasmo eram os mesmos que vim a reencontrar, recentemente, como seu colega no Conselho Federal de Cultura. Marina São Paulo de Vasconcellos, professora de Antropologia e depois Diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, desde o meu ingresso na Faculdade apoiou-me e incentivou-me. Tive o privilégio de ser convidado por ela para ingressar na carreira docente como Auxiliar de Ensino de Antropologia. Punida com a aposentadoria, veio a falecer prematuramente no início dos anos 70.

Em 1966, como aluno de curso de Ciências Sociais, fui convidado pela professora Stella Amorim para trabalhar como Auxiliar de Pesquisa no antigo Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Brasil. Esta instituição de pesquisa viria a se fundir em 1968 com o curso de Ciências Sociais da antiga FNFI, constituindo hoje, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trabalhei

cerca de dois anos em pesquisas coordenadas pelos professores Mauricio Vinhas de Queiroz, Luciano Martins, e a própria professora Stella. As pesquisas relacionavam-se com temas como “Grandes Grupos Econômicos no Brasil”, “Burocracia e desenvolvimento no Brasil”. Lidei basicamente com o mundo das elites: empresarial, militar e do funcionalismo civil em geral. Durante este período, convivi com o professor Evaristo de Moraes Filho, Diretor do Instituto de Ciências Sociais e conheci profissionais que viriam a ter importância decisiva na minha carreira, como os professores Roberto Cardoso de Oliveira e Luiz de Castro Faria. Além de trabalhar em arquivos e realizar pesquisas bibliográficas, entrevistei e fiz histórias de vida de pessoas dos universos investigados. Alguns dos profissionais com que trabalhei tinham formação ou forte interesse por Antropologia Social como os professores Stella Amorim e Mauricio Vinhas de Queirós. A minha passagem pelos ICS foi uma significativa complementação e reforço para a minha formação na Faculdade.

1.3 Pós-Graduação

Enquanto lecionava no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS), entrei como aluno no programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/ Universidade Federal do Rio de Janeiro, no 2º semestre de 1969. Conclui os cursos e a dissertação de mestrado – “A utopia urbana: um estudo de ideologia e urbanização” – no final de 1970. Todas as disciplinas que fiz no mestrado foram fundamentais para minha formação: *Antropologia Urbana* – prof. Anthony Leeds; *Dimensões de conhecimento etnológico* – prof. Luiz de Castro Faria; *Sociedades Camponesas* – prof. Roberto Cardoso de Oliveira; *Minorias Nacionais* – profa. Francisca Isabel Schurig Vieira; *Antropologia das Sociedades Complexas* – profs. Richard N. Adams e Shelton H. Davis; *Sociologia do desenvolvimento latino-americano* – prof. Jorge P. Graciarena; *Estratificação Social* – profa. Neuma Aguiar Walker e *Poder e propriedade da terra em sociedades camponesas* – prof.

Shelton H. Davis. Conteí sempre com todo o apoio do então Coordenador do PPGAS, professor Roberto Cardoso de Oliveira. O meu orientador foi o Doutor Shelton Davis, na época pesquisador e professor visitante. O diálogo com os professores em geral e com vários colegas foi importante no desenvolvimento de meu trabalho no mestrado. Era um ambiente estimulante e de intensa atividade intelectual.

Durante o curso fui aluno de dois professores da universidade do Texas, os Drs. Anthony Leeds e Richard Adams, respectivamente nas disciplinas de *Antropologia Urbana* e *Antropologia das Sociedades Complexas*. Assim, com o apoio do professor Roberto Cardoso de Oliveira, recebi uma bolsa da Fundação Ford para fazer cursos como "Special Student" no Departamento de Antropologia da Universidade do Texas, em Austin, durante o ano de 1971. Ali, além dos dois professores já mencionados, realizei cursos e estabeleci relações com os Drs. Ira Buchler, Henry Selby, Richard Schaedel e Márcia Hendon. O curso do Dr. Buchler foi fundamental para todo o desenvolvimento da minha carreira. Tive oportunidade de conhecer melhor a obra de Erving Goffman e de travar conhecimento com os trabalhos de Howard S. Becker de quem viria a me tornar colega e amigo. Em geral, a minha estadia em Austin foi extremamente positiva pelos cursos que fiz, pelos contatos que estabeleci e pelo acesso a excepcional Biblioteca. Ainda em 1971, durante o verão, por iniciativa de nosso orientador, o Dr. Richard Adams, eu e minha ex-mulher, a antropóloga Yvonne Maggie, fomos para Cambridge, Massachussets. Na ocasião estava em Harvard, como "Visiting Scholar" o professor Roberto Cardoso de Oliveira. Contávamos também com o professor David Maybury-Lewis, professor de Harvard, ex-professor do PPGAS e ainda com o Dr. Shelton Davis que retornara aos Estados Unidos. Realizamos uma pesquisa junto à população portuguesa da Nova Inglaterra que foi muito útil para o meu treinamento e aperfeiçoamento. Foi uma experiência rica e plenamente incorporada à minha formação. O fato de ter trabalhado na área metropolitana de Boston, proporcionou-me a oportunidade de lidar com uma sociedade em que as diferenças e a

heterogeneidade saltavam aos olhos, coexistindo de modo ambíguo e tenso. Mas, sobretudo, vivi a forte experiência de investigar relações entre minorias étnicas, culturais, desviantes e as instituições da sociedade norte-americana. A leitura dos livros de W. Foote-White e Herbert J. Gans ajudou-me a lidar com esta profusão de estilos de vida e “taste cultures”. Foi uma pesquisa que complementou e enriqueceu de modo decisivo a minha experiência anterior de Copacabana e veio a ajudar-me na pesquisa seguinte no Brasil sobre uso de tóxicos e visão de mundo, que veio a resultar em minha tese de doutoramento *Nobres e Anjos, um estudo de tóxicos e hierarquias*.

Regressando ao Brasil em 1972, retomei as minhas atividades docentes no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e iniciei a minha trajetória de professor do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. No 1º semestre de 1972, dei meu primeiro curso de *Antropologia Urbana*. Fui transferido do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e iniciei a minha trajetória de professor do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do museu Nacional em dezembro de 1973. assim entrei para a Universidade federal do rio de janeiro em 1º de março de 1969 como professor do IFCES, comecei a lecionar no PPGAS em março de 1972, mantendo meu vínculo principal com o Departamento de Ciências Sociais do IFCS até o final de 1973. Em 1974, ainda ali, dei cursos regulares embora já lotado no Departamento de Antropologia do Museu Nacional. O meu processo de transferência foi possível graças ao apoio do professor Roberto da Matta, então Coordenador do PPGAS, do professor Dalcy de Oliveira Albuquerque, Diretor do Museu Nacional e do professor Eduardo Prado Mendonça, Diretor do IFCS. Esta mudança de inserção institucional melhorou, significativamente, as minhas condições de trabalho.

A partir de 1982 tornei-me pesquisador I-A do CNPq. Tenho contado também, desde o meu ingresso no PPGAS, com apoio financeiro da Fundação Ford e da Finep, através de convênios institucionais, para o desenvolvimento de minha atividade de pesquisa.

Em 1973 ingressei no Doutorado do Departamento de Ciências Sociais, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Tive o privilégio de ter como orientadora a antropóloga Ruth Cardoso, na ocasião, por razões administrativas, localizada na área de Ciência Política. Desenvolvi minha pesquisa sobre uso de tóxicos e visão de mundo/ estilo de vida de camadas médias urbanas no Rio de Janeiro. Defendi a minha tese, obtendo o grau de doutor em dezembro de 1975, perante banca presidida por minha orientadora e composta pelos professores Doutores Eunice Durham, Juarez Brandão Lopes, Peter Fry e Mário Bick.

Em janeiro de 1976, menos de um mês depois da defesa de doutorado, viajei para os Estados Unidos onde permaneci como “Visiting Scholar” até o início de março no Departamento de Sociologia de Northwestern University, Evanston, Illinois. Nessa ocasião, comecei o meu trabalho de parceria com o Dr. Howard S. Becker, ponto de partida para uma rica relação acadêmica e pessoal. Nesse período nos Estados Unidos tive ocasião de proferir palestras e conferências, participar de seminários, além de trabalhar em bibliotecas.

2- Realizações profissionais

2.1 Áreas de pesquisa científica, produção intelectual e publicações

Preocupações e definições teóricas

Desde o início de minha carreira, ainda na faculdade, interessei-me pelo universo de camadas médias. Foi e continua sendo uma das principais áreas de investigação e campo para testar e elaborar questões teóricas mais abrangentes. Paralelamente, fui direcionando minha atenção para os estudos de desvio e comportamento desviante, muito influenciado por Erving Goffman e Howard S. Becker. A bibliografia antropológica sobre acusações de feitiçaria com que travei conhecimento já no mestrado reforçou esse meu interesse. Os trabalhos de Evans-Pritchard, Mary

Douglas e o contato com os professores Ira Buchler e Henry Selby no Texas ajudaram-me a melhor integrar os trabalhos de Antropologia Social, propriamente dita, com a sociologia de inspiração interacionista. Um autor fundamental que fui descobrindo, aos poucos, é Georg Simmel. Certamente é uma exploração que ainda não terminou. Seu trabalho como pensador, difícil de classificar ou rotular, tem sido muito instigante para minha atividade intelectual e de pesquisador. Conseqüentemente a temática *Indivíduo e sociedade*, com todas as suas implicações e abrangência, é central tanto para minha atividade de pesquisa como de ensino. O meu trabalho de campo, propriamente dito, e os principais focos de minha atenção tem se localizado no meio urbano, particularmente na grande metrópole. Daí a minha atuação na área denominada de *Antropologia Urbana*. As questões da organização social do meio urbano, da mobilidade, da diversidade e heterogeneidade constituem preocupações recorrentes em minha trajetória.

Tanto no meu trabalho, como no de meus orientandos, uma outra vertente é a área de *família e parentesco*. A questão do indivíduo e de sua trajetória sócio-cultural permanece estratégica. Evidentemente, todos esses temas se entrecruzam, retomando conceitos e idéias mais gerais.

Ligado às problemáticas da *Antropologia Urbana* e do *Desvio*, há o destaque necessário para os trabalhos que venho realizando sobre violência. Estão também articulados a temáticas já mencionadas como *família e parentesco, organização social no meio urbano e indivíduo e sociedade*.

A *Antropologia das Sociedades Complexas*, como preocupação teórica e foco de pesquisa, é uma das linhas centrais de toda a minha carreira. A problemática da construção dos diferentes domínios e níveis de realidade, o trânsito e relações entre estes, a noção de indivíduo e as ideologias associadas, são alguns dos temas que se somam e interligam. Os estudos de *camadas médias* e de *desvio*, além do seu interesse específico, serviram sempre de base para o desenvolvimento dessas reflexões de caráter mais geral a que continuo me dedicando.

Cabe frisar que pela natureza de meus interesses mantenho contato com áreas da Sociologia e da Ciência Política, como o estudo de elites, a estratificação social em geral, as pesquisas urbanas, ideologia e representação, estudo de carreiras e profissões, etc.

A História, como disciplina e como perspectiva, sempre teve grande relevância para mim desde os primórdios de minha formação intelectual. Nos últimos anos tenho cada vez mais me preocupado, como professor e pesquisador com as relações entre Antropologia e História. O que se denomina de “Nova História” e/ ou “História das Mentalidades” produzida no exterior e no Brasil constitui-se crescentemente em instrumento indispensável para o desenvolvimento de uma Antropologia das Sociedades Complexas. As obras de Jacques Le Goff e Georges Duby são, por exemplo, fundamentais para esse tipo de reflexão que tenho procurado conduzir. Os meus últimos artigos, expressam de algum modo essa direção. No momento, desenvolvo pesquisa sobre “Tradições Culturais e Representações de Poder” em que a pesquisa histórica tem papel crucial, complementando o trabalho de campo e a observação participante do antropólogo. De algum modo estou tentando fazer, singelamente, uma revisão parcial da história do Brasil, para melhor me guarnecer em minhas investidas teóricas.

Vale mencionar uma outra antiga e persistente preocupação. Os meus primeiros trabalhos publicados foram na área de *Sociologia da Arte*. No decorrer de minha carreira prossegui, em diferentes momentos, refletindo e publicando dentro dessa temática. Não pretendo abandoná-la, pois sempre ajudou-me a abordar de modo diferente o estudo das sociedades complexas.

Uma outra área de interesse ligada a minha atuação como membro dos antigo Conselho do SPHAN, Federal de Cultura e atualmente do Patrimônio Cultural, é o papel e trabalho do antropólogo diante da pesquisa e política do chamado patrimônio nacional. Trata-se de mais um desdobramento de preocupações que já apareceriam em trabalhos meus de *Sociologia da Arte e Antropologia Urbana*.

Creio que é importante salientar o esforço de pesquisar e refletir sobre esta atividade no seio da própria sociedade do investigador. Escrevi alguns textos que discutem explicitamente as peculiaridades, dificuldades e característica deste tipo de investigação.

É difícil resumir uma produção razoavelmente diversificada de vinte e muitos anos de trabalho. Os recortes que estabeleço são inevitavelmente arbitrários. Considero fundamental deixar claro que todas essas preocupações remetem a questões mais gerais ainda na área de *Teoria da Cultura e da Sociedade*.

Retrospectivamente creio que no início de minha atividade de pesquisa e nos meus primeiros trabalhos, como a *Utopia Urbana* (defendida em 1970, publicada em 1973), está muito presente um pensamento sociológico de raízes marxistas, embora já dialogando com a Antropologia Social propriamente dita. De qualquer forma, a problemática básica era a relação entre *experiência social* e *ideologia* e/ ou *representações*. Mais adiante soma-se, de maneira mais decisiva, através da problemática do desvio, a influência do interacionismo. A coletânea *Desvio e Divergência* (1973) e a tese *Nobres e Anjos* (1975) são expressão disso. Vejo no livro *Individualismo e Cultura* (1981) e nas pesquisas associadas, uma passagem para uma tentativa de síntese entre uma preocupação mais global com uma *Teoria da Cultura e das Sociedades Complexas* e as formulações anteriores. Penso ter trabalhado nessa direção nos últimos dez anos. O livro *Subjetividade e Sociedade* (1985) visa a estabelecer uma reflexão mais integrada sobre trajetória individual e campo de possibilidades sócio-cultural, trabalhando com a noção de geração.

Os meus últimos trabalhos subordinam-se a um projeto consciente de juntar uma visão antropológica, de códigos e redes de significado, com uma perspectiva histórica, especialmente no artigo "Indivíduo e religião na Cultura Brasileira" (1991). Pretendo, através do caso brasileiro, levantar questões de interesse mais geral sobre a sociedade moderno-contemporânea, especialmente no que toca às representações do indivíduo e à construção social da realidade como processo. Como já

mencionei, nos meus planos é crucial uma revisão da bibliografia sobre história do Brasil, tendo em mente as questões acima mencionadas, para procurar compreender não só “como as coisas são” mas “como se tornaram o que são”.

Como muitos de minha geração, fui fortemente influenciado pelo marxismo. Autores marxistas ou de inspiração marxista foram leitura freqüente desde o curso secundário. Além dos clássicos Marx, Engels e bem menos Lênin, quero enfatizar C. Wright Mills, como um pensador de esquerda, “new left”, ligado também a certos valores liberais, como básico na minha formação. Sua preocupação com a biografia individual e sua relação com a história e a sociedade como um todo marcou-me profundamente.

O meu interesse por Sociologia da Arte levou-me a conhecer, em parte, as obras de Georg Lukács e Lucien Goldman que, também desde o final do curso secundário, constituíram-se em leitura freqüente.

O lado “liberal” de minha trajetória deve também à leitura de Lionel Thrillig, eminente crítico literário e pensador norte-americano, cujos trabalhos conheci através da *Sociologia da Arte*. Creio que seu trabalho reforçou certas preocupações minhas em torno da liberdade relativa dos artistas enquanto agentes sociais.

Como disse, a temática *Indivíduo e Sociedade* sempre foi central no desenvolvimento de meu trabalho. Isto se expressa na tentativa de discutir e aproveitar as obras do já mencionado Georg Simmel e de Louis Dumont. A tradição interacionista associada ao primeiro, com desdobramentos contemporâneos em Herbert Blummer, Everett Hughes, Erving Goffman, Howard S. Becker, entre outros, tem sido referência constante para a minha atividade. Por outro lado, Dumont com toda a escola sociológica francesa, principalmente, Marcel Mauss constitui, para mim digamos, o outro pólo fundamental da discussão *Indivíduo e Sociedade*. A escola de *Personalidade e Cultura*, embora tenha indiscutível contribuição, teve menor peso na minha trajetória. Devo salientar a importância da leitura de Gregory Bateson e, em menor grau, de Ruth

Benedict e Margaret Mead. Os trabalhos que escrevi sobre desvio têm toda essa literatura como pano de fundo. Mas o tema *Indivíduo e Sociedade* é mais abrangente e a minha produção em geral está implícita ou explicitamente vinculada a essa linha de reflexão. Não posso esquecer a enorme importância de Alfred Schutz pensador, combinação de filósofo e sociólogo, cuja obra conheci no início da década de setenta. Desde então, constantemente, vejo-me utilizando suas reflexões e seus diálogos com autores como Simmel e Weber. A noção de projeto passou a ser para mim um dos mais preciosos instrumentos para a discussão de *Indivíduo e Sociedade*. Max Weber apareceu nas minhas leituras primeiro como interlocutor de Marx e, nos últimos dez anos, volto a lê-lo procurando relacioná-lo a Simmel. Isto não significa desconhecer o valor de sua obra em si mesma, mas registrar como se deu minha relação com as suas idéias. Vale frisar que sua visão de estratificação social, classes, grupos de status, etc, foi fundamental para meu trabalho desde o início, assim como seu individualismo metodológico enquanto detonador de questões e indagações para toda a teoria sociológica a que recorri.

A minha aproximação com a antropologia acelerou-se, nos primeiros tempos de faculdade através de Claude Lévi-Strauss. Na época, meados dos anos sessenta, o estruturalismo virou mesmo uma moda intelectual. Mas, para nós antropólogos, a obra do grande pensador francês foi, sobretudo, um modo de repensar e reinventar toda a história da antropologia. Devo registrar que suas observações sobre a sociedade moderno-contemporânea constituíram-se em um dos principais estímulos do início de minha carreira. Certamente ajudou a solidificar algumas de minhas intenções ainda tímidas e vacilantes.

Na chamada Antropologia Social Britânica além do já mencionado Evans-Pritchard, registro a importância da leitura de Max Gluckman, Victor Turner e, sobretudo, Edmond Leach particularmente, com o seu *Political Systems of Highland Burma*. Neste trabalho, a problemática *indivíduo e história/ sociedade* com o jogo de papéis e identidades

associados a mudança de contextos e situações, marcou-me fortemente. Foi um dos melhores livros que li sobre *Complexidade Social*.

Dentro da antropologia contemporânea, Clifford Geertz e Marshall Sahlins têm sido fonte de inspiração para muitos de nós. No meu caso, mais uma vez, a temática Indivíduo/ Sociedade e História, como discutida por estes autores, marca boa parte de minhas reflexões. Continuo procurando acompanhar suas produções e transformações.

Não vou deixar também de enfatizar o diálogo com colegas brasileiros ou que trabalharam no Brasil, de várias gerações. De modos diferentes, em situações e momentos distintos, tenho fortes dívidas com Francisca Keller, Anthony Seeger, Peter Fry, Roberto Cardoso de Oliveira, Roberto da Matta, Luiz de Castro faria, Otávio Guilherme Velho, Ruth Cardoso, Eunice Durham, Jether Ramalho, Mauricio Vinhas de Queirós, Evaristo de Moraes Filho, Luiz Fernando Duarte, Eduardo Viveiros de Castro, José Sérgio Leite Lopes, Sérvulo Figueira, Roque Laraia, Yonne Leite, Giralda Seyferth, Laura de Mello e Souza, Maria Manuela Carneiro da Cunha, Gilberto Freyre, Yvonne Maggie e Thales de Azevedo.

Seja através de livros e artigos que li, de aulas e conferências a que assisti ou através do insubstituível contato pessoal como aluno, colega ou professor, todas essas pessoas, assim como outras que possa ter omitido, foram e são interlocutores preciosos. A minha atividade profissional e boa parte de minha vida afetiva estão ligadas, indissolivelmente, a esses nomes.

2.2 Atividades docentes

2.2.1 Curso de Graduação

Fui professor de Antropologia no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ de 1969 a 1974. Lecionei diferentes disciplinas entre as quais o semestre básico de Antropologia, História da Antropologia, Teoria Antropológica, Antropologia Brasileira, etc. Alguns dos meus alunos da

graduação voltaram a se encontrar comigo no nível da pós-graduação. Certamente a experiência de dar aulas para turmas em etapa inicial de sua formação universitária foi decisiva e marcante. A atividade docente em qualquer nível, sempre me interessou. Através de conferências e da atuação de alunos, ex-alunos e colegas sempre mantive um vínculo com esse nível de ensino. Devo dizer que considero seriamente a possibilidade de voltar a ensinar em turmas de graduação depois de anos de afastamento.

2.2.2 Pós-Graduação

Como já disse, desde 1972, portanto há vinte anos, sou professor do programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Departamento de Antropologia do Museu Nacional da UFRJ. Neste período, entre outras disciplinas lecionei *Antropologia Urbana*, *Antropologia das Sociedades Complexas*, *Indivíduo e Sociedade*, *Teoria Antropológica*, *Estrutura Social do Brasil*, *Teoria da Ideologia e da Cultura* e *Organização Social e Parentesco*.

Fui professor visitante no Departamento de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – USP no 2º semestre de 1986. Dei o curso Antropologia urbana para um grupo de alunos que muito me marcou pelo interesse e qualidade. O contato que tive com os colegas professores foi também altamente estimulante. Dei ou participei de cursos em nível de pós-graduação no Instituto de Psiquiatria, na Faculdade de Educação da UFRJ, no Departamento de Psicologia e Antropologia da Universidade Federal do Paraná, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, Mestrado em Psicologia da Pontifícia Universidade Federal Católica do Rio de Janeiro. Lecionei também nos cursos de formação analítica do Instituto de Medicina Psicológica e da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro.

2.2.3 – Congressos, Conferências Palestras e Seminários

Ao lado das minhas atividades docentes regulares, no decorrer de minha carreira tenho ministrado conferências e palestras para diferentes tipos de instituições e associações científicas e culturais. Fora da área, convencionalmente classificada Ciências Sociais – Antropologia, Sociologia e Política – é importante salientar a minha atividade na chama área PSI. Por diversas ocasiões, como se pode ver no currículo, ministrei palestras e conferências para psicólogos, psiquiatras e psicanalistas. Certamente esta tem sido uma das áreas inter ou multidisciplinares em que mais tenho atuado. Como é natural numa trajetória acadêmica de mais de vinte e três anos, participei de dezenas de congressos no Brasil e no exterior. No país, nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), Associação nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS) e da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) tenho regularmente apresentado trabalhos, participado de seminários e presidido mesas. Além dos já mencionados, tenho apresentado trabalhos e participado de discussões em temas tais como Educação, Violência, Políticas Científica e Cultural, Problemas Urbanos, Antropologia e Sociologia da Arte, Família e Parentesco, Uso e Consumo de Tóxicos, etc.

A minha atividade internacional tem se concentrado nos Estados Unidos. Realizei, pelo menos, uma dúzia de viagens ao exterior para intercâmbio acadêmico. A temática de minhas palestras-conferências tem sido bastante variada concluindo a problemática brasileira propriamente dita, e questões mais gerais de Antropologia e Sociologia.

2.2.4 – Formação, orientação de Alunos e Pesquisadores

Sempre foi minha preocupação central a orientação de alunos e seu treinamento como pesquisadores. A atividade de professor de pós-graduação implica permanente acompanhamento e supervisão do corpo

discente. Desde 1976 passei a orientar oficialmente alunos do PPGAS, pois obtive o grau de Doutor na USP em dezembro de 1975. Orientei, desde então, trinta alunos que obtiveram seus graus de mestre e seis que chegaram a doutor, num total de trinta e seis orientandos. Entre os mestres que formei, além dos que conluíram o doutorado no PPGAS, mais quatro obtiveram o título em outras instituições. Rozine Josef Perelberg (London School of Economics – Antropologia – Inglaterra), Marcia Nunes (Northwestern University – Sociologia – Estados Unidos), Carlos Nelson Ferreira dos Santos (Universidade de São Paulo – Arquitetura e Urbanismo), Maria Dulce Gaspar de Oliveira (Universidade de São Paulo – Arqueologia).

Além destes, doze estão inscritos em curso de doutoramento. Fora do PPGAS orientei três dissertações de mestrado no Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (IUPERJ), no Programa de Planejamento Urbano e Regional da Coordenação de Pós-Graduação em Engenharia (COPPE/ UFRJ) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul; e fui co-orientador de outra na Universidade Federal de Santa Catarina. Todos os meus orientandos ingressaram ou prosseguiram suas atividades acadêmicas em instituições universitárias e de pesquisa: Universidades Federais do Rio de Janeiro, Federal Fluminense, Rio Grande do Sul, Paraná, Universidade do Estado do Rio Janeiro (UERJ), Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/RJ), Instituto Superior de Estudos da religião (ISER), Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), etc.

Também integrei como membro um total de trinta e nove bancas de mestrado das quais vinte e oito no próprio PPGAS e as outras onze na Antropologia Social da Universidade de Brasília, Psicologia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Universidade Federal da Bahia, Ciências Sociais/ Universidade de São Paulo, Ciências Sociais – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Como já disse, no nível de doutorado, orientei no PPGAS seis alunos que já obtiveram o grau de Doutor.

Participei de mais quatro bancas de doutorado no PPGAS, uma no Departamento de Ciências Sociais da USP e outra no IUPERJ.

Hoje tenho cinco orientados de doutorado e seis de mestrado no PPGAS.

Os meus orientados em alguns casos trabalharam sob minha supervisão, não só como alunos individuais, mas como membros de equipes de trabalho. Na área de *família e parentesco* por exemplo, isto ocorreu no caso das hoje Doutoradas Myriam Moraes Lins de Barros, Tania Dauster Magalhães e Silva, Tania Rachel Salem e Maria Cecília Solheid da Costa. No tem *juventude* foi formada uma equipe com as atuais mestres Claudia Rezende, Silvia Fiúza e Maria Claudia Coelho. Há que mencionar que os alunos que também foram meus assistentes de pesquisa: Eduardo Viveiros de Castro, Myriam Moraes Lins de Barros, Ovídio de Abreu Filho, Maria Luiza de Amorim Heilborn, Claudia Rezende e Carla Costa Teixeira.

Assim, na medida do possível, através de cursos, seminários e grupos de trabalho, busquei uma maior integração entre os projetos dos alunos.

Procurei sempre estimular e, na medida do possível, ajudar a publicação de teses, dissertações e artigos que julgasse de boa qualidade e de interesse para um público maior. Publicaram livros a partir de seus trabalhos acadêmicos os meus alunos ou ex-alunos Luiz Fernando Duarte, Carlos Nelson F. Dos Santos, Carlos Alberto Messeder Pereira, Myriam Moraes Lins de Barros, Sandra Carneiro, Maria Dulce Barcelos Gaspar de Oliveira, Hermano Vianna Junior, Luis Rodolfo Vilhena e Celso Castro.

3- Atividades complementares

Cargos acadêmicos, Administrativos, Política Científica e Cultural

No âmbito do PPGAS fui Sub-Coordenador de Atividades Culturais (agosto/ 76 a agosto/ 78) e Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (agosto/ 78 a agosto/ 80). Chefiei o Departamento de Antropologia do Museu Nacional de 1º de setembro de 1982 a 1º

setembro de 1984. Fui Representante dos Professores Assistentes e dos Professores Adjuntos na Congregação do Museu Nacional. Ao lado de minhas atividades no âmbito do PPGAS e no Departamento de Antropologia como um todo fui progressivamente me envolvendo em tarefas ligadas à sociedades científicas de que faço parte e a outras relacionadas com a situação dos campos científico e cultural do país. Assim é que fui Membro do Comitê Assessor do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e Presidente da Comissão de Consultores Científicos da Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior – CAPES. Em 1981, assumi a Coordenadoria Geral da Área de Ciências Sociais no projeto Avaliação e Perspectivas do CNPq. Em 1982 tornei-me membro da Comissão da Secretaria de Planejamento da Presidência da República/ Academia Brasileira de Ciências/ Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SEPLAN/ ABC/ SBPC) para reavaliação do sistema nacional de desenvolvimento científico e tecnológico. De abril de 1985 a abril de 1986 fui Membro da Comissão de Pesquisadores indicada pelas Sociedades Científicas para retomar a problemática da Comissão SEPLAN/ ABC/ SBPC. Fui Conselheiro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA, em dois períodos: maio/ 78 a abril/ 82, abril/ 84 a abril/ 86. Fui Presidente desta Associação de abril/ 82 a abril/ 84. Certamente a minha experiência de Presidente da ABA foi uma das mais ricas e estimulantes de toda minha carreira com a oportunidade de lidar diretamente com colegas, temas e problemas em situações das mais diversas. De há muito tenho atuado na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC, não só nos congressos mas na formulação e encaminhamento de suas orientações. Fui membro do Conselho Regional-Rio da SBPC e por duas vezes membro do seu Conselho Científico Nacional. Desde dezembro de 1991 assumi uma das vice-presidências da Sociedade.

Tenho também participado de Conselhos ligados ao Governo Federal. Em 1983 fui nomeado Membro do Conselho do patrimônio Histórico e artístico Nacional, Secretaria de Cultura, (SPHAN). Em 1990, com o

governo Collor e com a reforma administrativa a situação desse Conselho ficou bastante indefinida, devido a extinção de vários órgãos e do próprio Ministério da Cultura. Foi, recentemente, em parte restaurado com a criação do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural da Secretaria de Cultura. Fui nomeado membro do novo Conselho, juntamente com todos os antigos representantes da sociedade civil no Conselho da SPHAN. Também integrei o Conselho Federal de Cultura, no antigo Ministério da Cultura. Ali atuei por cerca de seis meses, renunciando devido a dificuldade de compatibilizar minhas atividades e por questionar a forma de seu funcionamento.

A partir da minha atuação na Associação Brasileira de Antropologia e na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência e em diversas Comissões das Sociedades Científicas, tornei-me membro do Conselho Deliberativo do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que integrei de agosto de 1986 a julho de 1988. Esta foi mais uma experiência marcante que me permitiu ter uma visão geral do campo científico brasileiro e conhecer melhor problemas e colegas de outras áreas.

Desde o início da minha carreira, antes mesmo de me formar, desenvolvi uma série de trabalhos e iniciativas de caráter editorial. Dirigi a Coleção de Antropologia Social da Zahar Editores de 1974 a 1985, continuando diretor na nova Editora Jorge Zahar até os dias de hoje. A partir de 1967 organizei os quatro volumes da Coleção de *Sociologia da Arte*, *Coleção Textos Básicos de Ciências Sociais*, daquela Editora. Fui organizador ou co-organizador de outras coletâneas como *Desvio e Divergência* e *O Desafio da Cidade*.

Participei e participo de Conselhos Editoriais, de Redação e Científicos de revistas como *Civilização Brasileira*, *Anuário Antropológico*, *Revista de Antropologia da USP* e *Ciência Hoje*.

Tenho tido na minha carreira a preocupação de me manifestar publicamente, através de artigos assinados em jornais. Desde 1979 até

hoje publiquei trinta artigos no *Jornal do Brasil*, *O Globo* e na *Folha de São Paulo*. O conteúdo destes versa ora sobre assuntos ligados diretamente ao meu trabalho de antropólogo ora sobre temas de caráter mais geral, que discuto procurando trazer uma contribuição para um público maior.

Esta foi uma tentativa de traçar as linhas gerais de uma trajetória profissional. Forçosamente existem falhas e omissões neste relato. No entanto, a experiência de prepará-lo, de algum modo, enriqueceu a visão que tenho, não só de mim mesmo, mas sobretudo de uma rede de relações, e de um período das ciências sociais no Brasil. Ajuda-me também a continuar o meu trabalho, de certa forma, renovado.

Rio de Janeiro, junho de 1992

Gilberto Cardoso Alves Velho